

## Um Enigma do Evangelho

Frithjof Schuon

A dialética das Escrituras sagradas pode ser sintética até a supersaturação, de onde um aspecto de “incoerência” que na realidade é o preço de uma riqueza implícita. Segundo um texto hindu, “os deuses gostam da linguagem obscura”; isso não quer dizer que as forças celestes sejam opostas à expressão clara quando ela se impõe, pois a verdade mantém sempre seus direitos; mas é preciso que tudo permaneça no lugar que lhe designa sua natureza. Os mistérios da Possibilidade divina, espinhosos para o comum dos mortais, não são feitos para a praça pública; o que, contudo, não poderia significar que haja entre a teologia comum e a metafísica integral uma separação estanque, a despeito das diferenças de natureza e de missão. A grande dificuldade para a linguagem sagrada é dever, ou querer, sugerir verdades profundas e complexas sob a forma de relatos históricos e injunções morais; o que não impede que “a origem e o fim se dêem as mãos”,<sup>1</sup> e o mesmo vale para o “exterior” e o “interior”.

\* \* \*

Falando da Santa Ceia, o Evangelho relata um incidente enigmático e mesmo desconcertante: Cristo dá a Judas, para que o coma, um pedaço de pão e lhe diz que “faça logo o que tens intenção de fazer”; e, nesse momento, Satã entra em Judas, que então deixa o recinto. Isto dá a impressão de que o Cristo tomou para si a responsabilidade da traição, *quod absit*.

A explicação do enigma é a seguinte: nada pode acontecer de encontro à Vontade de Deus; o fato de que uma coisa aconteça significa que Deus a “quis”. Ora, Deus não pode querer expressamente determinado mal, mas Ele deve tolerar de certa maneira o mal enquanto tal, pois este está incluído na ilimitação – em parte paradoxal – da Onipossibilidade divina; por este fato, Deus não pode não aceitar “determinado mal”, mas seria preciso dizer que Ele o “permite” e não que Ele o “quer”; e Ele o permite, não enquanto mal, mas enquanto contribuição indireta e inevitável a um bem. Cristo queria, certamente não a traição em si, mas a Redenção.<sup>2</sup>

Resta saber por que Cristo realizou o gesto de que falamos, pois sua aceitação do mal poderia ter sido silenciosa; ora, ela o poderia ter sido em princípio, mas não de fato, e esse é o cerne do problema. Era preciso mostrar ao mundo que o diabo não tem nenhum poder sobre Deus, que ele não pode se opor a Deus senão em aparência e graças a um querer divino; que nada pode ser feito fora da Vontade do Sumo Bem; que, se as forças do mal se opõem – ou creem poder se opor – à Divindade, isso não pode se dar senão em função de uma decisão divina; de onde a injunção “o que tens intenção de fazer, faze-o logo”. Portanto, o diabo não tem nem mesmo o poder de trair sem uma causação divina, metafisicamente falando; no relato evangélico, esse poder lhe escapa, ele não poderia, portanto, triunfar. E se, neste relato, o diabo entra em Judas, é porque ele obteve a

---

<sup>1</sup> Provérbio alemão: *Anfang und Ende reichen sich die Hände*.

<sup>2</sup> Lembremos aqui que Santo Agostinho, falando do pecado de Adão e de Eva, exclamou: “*felix culpa!*” Pois, pensava, esse pecado foi a causa da Redenção.

liberdade de fazê-lo; emaranhado sutil de causas, mas ontologicamente plausível. O que há de “malsoante” no drama salvador do Cristianismo, é que a Redenção parece depender de um traidor; era preciso privar o adversário desta satisfação.

Seja como for, o fato de que o Cristianismo tenha tido necessidade de Judas implica – e isto parece ser o cúmulo do paradoxo – que esse traidor não poderia ser um homem fundamentalmente mau, como quer a opinião corrente; e, de fato, ele não o foi, como o prova seu arrependimento e seu desespero.<sup>3</sup> Os dois outros acusados, Caifás e Pilatos, também não foram tão negros como são mostrados; a circunstância atenuante foi, no primeiro, sua ortodoxia e, no segundo, sua boa vontade. Diremos mesmo que sua cooperação necessária à Redenção implica que, no fim das contas, eles foram perdoados, todos os três; só esta conclusão, parece-nos, pode proteger o Cristianismo da reproche possível de depender de causas criminosas e de por assim dizer se basear nelas, ao menos materialmente. E pensamos aqui nesta prece de Cristo: “Pai, perdoai-os, pois eles não sabem o que fazem”; ora, é impossível admitir, em boa lógica, que uma prece de Cristo não tenha sido atendida.

Teria sido uma espécie de vitória se a Igreja tivesse instituído uma festa dos três grandes Perdões, mas ela não podia – por razões morais – “dar-se a esse luxo”, porque teria sido dar carta branca a todos os malfeitores; *de facto*, não *de jure*, bem entendido. É por essa razão que Cristo teve de dizer, falando de Judas, que “teria sido melhor que ele não tivesse nascido”; isto não significa que Judas esteja no inferno eterno que imagina a teologia cristã, mas pode significar que Judas, sem estar danado, deva permanecer no purgatório até o fim do mundo.

Pode-se reprochar a Caifás não ter sido sensível à natureza divina de Cristo nem às intenções profundas de sua pregação, mas, à parte sua ortodoxia mosaica, ele tinha ainda por circunstância atenuante o fato de que Cristo jamais se deu ao trabalho de se fazer compreensível. Além disso, Cristo não se interessava pelas “prescrições dos homens”, mesmo que plausíveis; só contava para ele a sinceridade de nosso amor a Deus. Esta não é exatamente a perspectiva de Moisés e não se pode censurar aos fariseus o não terem aderido a ela no plano que era o seu, assim como não se pode censurar às autoridades do Brahmanismo o não se terem convertido à perspectiva do Buda.

Pode-se argumentar que os judeus tiveram de padecer enquanto herdeiros de Judas e de Caifás, mas pode-se argumentar igualmente que os cristãos, enquanto herdeiros de Pilatos<sup>4</sup> – pelo Renascimento –, tiveram e têm de padecer sofrendo as consequências do mundo “humanista”, mas, no fim das contas, inumano que eles criaram na época dos Bórgia, e que continuam a criar em nossos dias;<sup>5</sup> sem contestação possível, o Renascimento foi uma traição, ainda que comportasse também alguns elementos positivos, mas estes não podiam compensar seu erro global.

Para compreender a atitude de Cristo para com “os escribas e os fariseus”, é preciso levar em conta isto: naquela época, o Judaísmo passava por uma fase de “ossificação” comparável à do Brahmanismo na época do Buda, e isto foi providencial nos dois casos; a história da humanidade é um *lîlâ*, um “jogo divino”: as possibilidades devem se manifestar e se esgotar, cada uma a sua vez. Seja como for, pode-se censurar a Caifás e a

---

<sup>3</sup> Se Judas tivesse sido o que se pensa, ele, ao contrário, ter-se-ia orgulhado de seu crime. No momento mesmo da traição, Jesus o chama de “meu amigo”; havia talvez nesta expressão um vislumbre de perdão divino.

<sup>4</sup> Isto é, Pilatos foi o representante de Tibério, do qual tanto Carlos Magno como Constantino foram herdeiros; a notar que, para o muçulmano, o cristão é o *rûmî*, o “Romano”.

<sup>5</sup> Poder-se-ia objetar que a Igreja do Oriente não foi responsável pelo Renascimento, o que é verdade, mas os países ortodoxos foram arrastados a sua órbita por Pedro, o Grande. De fato, a Europa oriental faz parte do mundo moderno, mentalmente bem como materialmente; a Grécia foi rapidamente levada a “acertar o passo” após a partida dos Turcos.

seus partidários o não terem querido admitir a decadência de seu meio, que era incontestável, sem o que Cristo não a teria estigmatizado; e certamente não é a primeira vez na história de Israel que um profeta fulmina contra um clero corrompido e hipócrita.

Como Al-Hallâj – esta manifestação “crística” no seio do Islã – Cristo manifestava sua natureza celeste sem pensar que deveria se dar ao trabalho de fazê-la inteligível; ele encarnava seu destino e queria ser o que devia ser na economia das possibilidades religiosas e místicas. Um fundador de religião personifica uma perspectiva espiritual e uma via salvadora; ele se exprime de uma maneira direta e quase absoluta, e não tem de fazer os comentários que farão mais tarde os teólogos e os sábios.

“E a luz luziu nas trevas, e as trevas não a compreenderam”. Isto diz respeito, não apenas aos judeus e pagãos, mas também aos cristãos, como o prova a história.<sup>6</sup> Cristo, como Moisés, punha Deus acima do homem; o Renascimento, como Tibério, punha o homem no lugar de Deus; ao passo que Cristo tinha dito: “Venha a nós o Vosso Reino!”

\* \* \*

Extraído de *A Transfiguração do Homem*, de Frithjof Schuon,  
nova edição, Editora Stella Maris, São José dos Campos-SP, 2026.

Todos os direitos reservados a World Wisdom Inc. (EUA)

---

<sup>6</sup> Notemos que há judeus ortodoxos que, apesar de rejeitarem o Cristianismo, e em flagrante oposição ao Talmude, admitem que Jesus foi um profeta incompreendido, de tipo eliático e essênio.